

Poemas assombrados: um viés na poesia infantil brasileira /

Haunted poems: a path in brazilian children's poetry

*José Hélder Pinheiro Alves**

Graduação em Letras - Faculdades Integradas de Uberaba (1983), Mestrado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (1992). Doutorado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (2000) e Pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Professor Titular em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>

*Emmanuelle Silva Freire Pereira***

Graduada em Licenciatura Plena em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande (2018). Atualmente, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil, na linha de pesquisa Ensino de Literatura e Formação de Leitores.

 <https://orcid.org/0000-0001-5288-7094>

Recebido em: 12 abr. 2021. **Aprovado em:** 01 jun. 2021.

Como citar este artigo:

ALVES, José Hélder Pinheiro; PEREIRA, Emmanuelle Silva Freire. Poemas assombrados: um viés na poesia infantil brasileira. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 34 - 47, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10061310>

RESUMO

A aproximação da criança com a poesia se dá, na infância, de diferentes modos: cantigas, parlendas, adivinhas, brincos e outras manifestações advindas da poesia oral. A continuidade desta experiência deveria ser estimulada pela escola, favorecendo o contato das crianças com as mais diversas manifestações da poesia infantil, que cultivam a musicalidade, a fantasia, a recriação de jogos, brincadeiras, dúvidas e outras experiências (BORDINI, 1986). Neste artigo temos como objetivo analisar alguns poemas da obra *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*, do poeta paraibano André Ricardo Aguiar (2013). A obra é composta por 25 poemas lúdicos, curtos e bem-humorados, que abordam personagens da nossa tradição folclórica em situações de assombração. O autor retrata problemas da nossa realidade humana, personificando os monstros, além disso, os representa a partir de uma perspectiva ora questionadora, ora inovadora. Uma questão que tentaremos explicitar é o modo como o poeta retoma e reinventa certos personagens e refletir sobre a

*

 helder.pinalves@gmail.com

**

 manuletrasufcg@gmail.com

adequação ao leitor infantil. Teoricamente, para fundamentarmos nosso trabalho, recorreremos às reflexões de Bordini (1986), Cascudo (2002), Goldstein (1997) e Aguiar e Ceccantini (2012).

PALAVRAS-CHAVE: Poesia infantil; assombração; criança.

ABSTRACT

The approach of the child to poetry occurs, in childhood, in different ways: songs, rhymes, riddles, games and other manifestations that come from oral poetry. The permanence of this experience should be encouraged by the school, favoring children's contact with diverse manifestations of children poetry, which cultivates musicality, fantasy, recreation of games, doubts and other experiences (BORDINI, 1986). In this article, we aim to analyze some poems from the book "Chá de sumiço and other haunted poems", by the poet André Ricardo Aguiar (2013), who is from Paraíba, Brasil. The work consists of 25 playful, short and humorous poems, which bring characters from our folk tradition in situations of haunting. The author portrays problems in our human reality, personifying the monsters; besides, he represents them from a perspective that is sometimes questioning, sometimes innovative. One issue that we will try to make explicit is the way in which the poet brings back and reinvents certain characters, we will also reflect on the adequacy of the text to the child reader. Theoretically, to support our work, we used the reflections of Bordini (1986), Cascudo (2002), Goldstein (1997) and Aguiar and Ceccantini (2012).

KEYWORDS: Children poetry; haunt; child.

1 Introdução

Quando miramos a poesia infantil brasileira contemporânea, observamos a permanência de temas e procedimentos os mais diversos que vêm sendo cultivados pelo menos desde a publicação de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, cuja primeira edição é de 1964. Destaca-se nesta obra a presença de animais, a temática do brincar, o jogo lúdico com a linguagem, a retomada e ressignificação de parte do repertório da tradição popular.

O reencontro da tradição oral, está sempre rondando a poesia infantil, sobretudo quando se pensa na musicalidade, nos brincos, nas parlendas, nas adivinhas e noutros gêneros da tradição oral. No âmbito da narrativa infantil, muitas foram as retomadas das histórias de assombração tão presentes em nossa tradição oral-popular. Um dos personagens mais retomados na literatura infantil em geral, é o fantasma ou outros seres assombrosos. Obras como *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, que se tornou um clássico, e *Sete ossos e uma maldição*, de Rosa Amanda Straus, dentre tantas outras, exemplificam esta retomada. No entanto, a presença mais marcante advinda da tradição oral é da bruxa. São inúmeras as obras que retomam esta personagem que, embora primordialmente não pertença ao âmbito da assombração, muitas vezes causa sustos os mais diversos. Outras personagens comparecem ora com mais ou menos intensidade, como lobisomens, almas de outro mundo, dentre tantos.

Quando miramos nossa produção de poesia infantil, observamos que esse viés praticamente não foi retomado por nossos poetas e poetisas. Mais recentemente, Eucanaã Ferraz publicou *Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos e Poemas da lara*. O eixo do primeiro livro é a retomada de personagens de várias tradições folclóricas e mitológicas, sem, no entanto, explorar um viés mais assombroso das referidas personagens; quanto ao segundo, ao retomar a figura da lara, a associa, imagetivamente, às mudanças que a natureza vem sofrendo.

No contexto da poesia infantil contemporânea, surge em 2013 uma obra que pode ser considerada singular. Trata-se de *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*, do poeta paraibano André Ricardo Aguiar. Neste artigo apontaremos algumas peculiaridades da referida obra, principalmente no que se refere ao modo como a temática da assombração é trabalhada. Tendo em vista que o livro não tem ainda uma fortuna crítica, nossa abordagem dialoga apenas com a teoria da poesia infantil, buscando sobretudo na leitura dos poemas os aspectos diferenciadores desta poesia.

2 Sobre o poeta

André Ricardo Aguiar nasceu em 1969, na cidade de Itabaiana – Paraíba. Atualmente mora em João Pessoa. Na infância, experimentou o mundo do interior com sua vivência em rios e fazendas.

Com uma certa idade, veio para a capital e, a partir da influência de familiares, como seus pais que gostavam de ler, o seu avô que ia bastante a biblioteca, ele começou a frequentar por curiosidade e acabou tomando gosto pela leitura e desenvolvendo o hábito da escrita, a partir da construção de versos, poemas e até mesmo tentando reproduzir poetas conhecidos. Em um primeiro momento da sua vida, escreveu um livro de poemas, depois, de forma bastante inesperada, se voltou para o público infantil.

Autor do livro de contos *Fábulas portáteis* (Patuá, 2016) e de poemas *A idade das chuvas* (Patuá, 2013), publicou, entre outros, os livros de poemas *A Flor em Construção* (Editora Ideia, 1992) e *Alvenaria* (Editora Universitária/UFPB, 1997). No âmbito da literatura infanto juvenil o autor publicou *O rato que roeu o rei* (Rocco, 2007) e *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*

(Autêntica, 2013), ambos foram selecionados pelos PNBEs para as bibliotecas escolares do Brasil. Em 2012 *Pequenas Reinações* (Editora Girafinha), e *Fábulas Portáteis* (Patuá, 2016).

Também participou de revistas como *Correio das Artes*, além de eventos literários como *Flibo* (Boqueirão-PB). O autor é membro-fundador do *Clube do Conto* da Paraíba e coordenador de projetos de incentivo à leitura, como o *Encontro das Traças*. Sua atuação no âmbito da literatura infantil parece-nos um tanto solitária, uma vez que no estado da Paraíba não existe ainda uma articulação de escritores que favoreça o debate e divulgação das obras que produzem.

2.1 O viés da assombração em *Chá de sumiço*

A temática da assombração, de maneira geral, está presente na televisão, no cinema, no teatro e na literatura. Por outro lado, esta presença é quase sempre uma retomada da tradição oral que acompanha a humanidade há séculos.

Dicionários definem assombração de diversos modos: Objeto fantástico ou fantasma que assombra, que causa terror”, “Alma do outro mundo”, “fantasma, aparição: ficar vendo assombrações é sinal de um parafuso a menos”, “Susto causado pelo encontro ou aparição de coisas sobrenaturais” e “terror procedente de causa inexplicável. Sobre a etimologia da palavra, o dicionário online Michaelis apresenta sua origem a partir de assombrar + ção.

No âmbito dos estudos folclóricos, Cascudo (2002), em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, define assombração nos seguintes termos:

Assombração. Temor pelo encontro com entes fantásticos, aparição de espectros, ato de espavorir-se, casa mal assombrada, onde aparecem almas do outro mundo. Uma assombração, um grande medo. Rumores, vozes, sons misteriosos, luzes inexplicáveis. (CASCUDO, 2002, p. 28)

Desta forma, compreendemos a partir dessa citação do autor, que assombração se trata de uma manifestação que pode ser associada ao fantástico, o sobrenatural, sem possuir uma explicação considerada lógica. Além disso, encontramos personificações de algumas delas, como: o bicho-papão, lobisomem, fantasma, dentre outros. Cascudo destaca situações diversas que apresentam teor assombroso, como aparições, vozes, enfim, manifestações que desencadeiam o

medo. Acompanham esses fenômenos cenários os mais diversos, todos estranhos, além da predominância do tempo noturno. As narrativas assombrosas, em nossa tradição oral, eram narradas quase sempre à noite, o que favorecia sustos, advindos também da performance do contador.

A obra *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*, retoma, portanto, personagens e situações que podem causar assombração. Apresentamos, a seguir, uma tabela com os referidos personagens. No entanto, nos voltamos neste artigo mais detidamente para *fantasmas e vampiros*.

Tabela 1: personagens assombrados e/ou situação de assombração

Personagem assombrado	Situação de assombração
Vampiros	Cemitério
Fantasmas	<i>Pulga atrás da orelha</i>
Morcego	<i>Lua de coveiro</i>
<i>A noiva de Frankenstein</i>	<i>Uma galinha</i>
Bicho-papão	<i>O morto vivo</i>
Bicho-papinho	Casas assombradas
Bruxa	Múmia
Almas	<i>O cabeleireiro da Medusa</i>
Lobisomem	<i>Pedido</i>
<i>Zumbi (noite em claro)</i>	<i>Três limeriques assombrados</i>
Mula-sem-cabeça	X

Fonte: elaborado pelos autores do presente artigo.

Acompanharemos alguns poemas da obra, realizando uma breve análise sempre com foco na temática da assombração. Um aspecto importante a ser ressaltado é que o poema “Chá de sumiço”, também é o título do livro. Passemos, pois, à leitura do poema:

Chá de sumiço

Fantasmilha

*Não gosta de tomar café:
Pode manchar o lençol.*

Não vai correr esse risco.

*Ele prefere mesmo
tomar chá
de sumiço.*

O poema, assim como a grande maioria dos que compõem a obra, é curto e direto, além de apresentar um tom de brincadeira, levando em consideração que o livro é direcionado para o público infantil. Normalmente temos o hábito de dizer que uma pessoa “tomou chá de sumiço”, ou seja, essa pessoa simplesmente sumiu/desapareceu. No poema, compreendemos que existe uma relação de sentidos entre alguém que não é percebido e o fantasma. Encontramos ainda nesse poema uma ironia, a partir do momento em que observamos o jogo de linguagem para ressaltar a importância que a presença física possui.

Além disso, o autor apropria-se de ações do nosso cotidiano, como no verso: “Fantasma não gosta de tomar café, pode sujar o lençol”; observamos uma ação comum, em que temos um lençol branco e se deixarmos cair café sobre, ficará manchado e, de acordo com o poema, o fantasma com essa lógica ficaria visível e “em maus lençóis”, ressaltando que trata-se de um trocadilho bastante conhecido.

Por outro lado, se observarmos o lençol neste poema, nada mais é que o corpo do fantasma. Quanto ao verso “prefere tomar chá de sumiço”, se remete a tomar algo que não existe, assim como o próprio fantasma precisa sumir, no sentido metafórico.

Quanto à estrutura, o poema possui 3 estrofes, sendo a primeira com três versos, a segunda com um verso e a terceira e última com mais três versos. Sobre as rimas, podemos identificar as internas no primeiro e segundo verso da primeira estrofe, nos verbos manchar e tomar. Mas, o que nos chama atenção são as rimas risco/sumiço, que não são perfeitas, o que, de certo modo, foge do modelo predominante na poesia infantil.

Esse poema inicial pode apontar um diálogo com outro do livro: “De pai pra filho”. Nele, observamos a realidade de toda e qualquer família: quando os filhos estão crescendo, achando que

possuem independência e entendimento igual e, até mesmo, superior aos adultos. É justamente nesse momento em que o seus pais/responsáveis devem intervir orientando e, sobretudo, mostrando que criança deve estar no “lugar” de criança.

De pai pra filho

*O fantasma mal saiu das fraldas
e já levando bronca do fantasma pai:*

- Cresça e desapareça!

O poema nos faz lembrar um ditado popular bastante conhecido: “nem cresceu e já quer cantar de galo”, em que podemos fazer um paralelo com o verso do poema que diz: “o fantasma mal saiu das fraldas /e já levando bronca do fantasma pai”.

De forma geral, observamos que a linguagem utilizada no poema é coloquial, direta e bastante simples, seguindo as regras de pontuação da norma culta padrão. Podemos destacar ainda que o poema é curto, possuindo apenas uma única estrofe com três versos, em que aborda um diálogo crítico entre pai e filho.

O uso de figuras de linguagem se faz presente no verso: “O fantasma mal saiu das fraldas”, relacionado ao crescimento do fantasma, temos a metonímia. Em outro verso “Cresça e desapareça”, temos um trocadilho retomando o famoso “cresça e apareça”.

Ainda no que diz respeito ao fantasma, temos o poema “Camaradagem”. Nele, também encontramos a descrição do seu corpo/físico do personagem. Vejamos o que há de peculiar em sua retomada:

Camaradagem

*Não há nada o que ver
no fantasma
a não ser ver, através dele,
que dentro e fora
é tudo igual.*

*Caso haja o que ver
no fantasma,*

*ainda assim não há motivo
pra tanto assombro.*

*Só que tem gente
que ainda insiste
em bater no seu ombro
e dizer:*

- Ah, fantasma, você não existe!

O poema como que tenta desconstruir a ideia de que o fantasma é assustador, chamando a atenção para o fato de que “Não há nada o que ver” nele. Portanto, é através do jogo da linguagem que o autor mostra ao leitor que não precisa de palavras bruscas para alertar que a criança deve estar inserida no seu universo de criança.

Quanto a sua estrutura, se trata de um poema com versos livres, curto, com diálogo e com apenas três estrofes, bastante semelhante aos outros dois que já foram analisados anteriormente. Em relação às rimas externas, temos assombro/ombro e insiste/existe que também fogem dos padrões. Por outro lado, trata-se de um poema maior, que explora mais o viés do convencimento do que da imaginação.

Seguindo o viés da assombração, temos dois poemas que merecem destaque: “Classificados” e “Três limeriques assombrados”. Diferentemente dos demais, o poema retoma um gênero textual advindo de jornais escritos. Encontramos aqui a intertextualidade de gênero, levando em consideração que, ao mesmo tempo que se trata de um texto literário, o poema, também se assemelha a uma propaganda. Acompanhemos, pois, o poema:

Classificados

*Vende-se
uma casa assombrada
quase sem mistério.
Varanda, salas e quartos
e com os fundos
para o cemitério.*

Vende-se

*com garantia de sossego.
Só tem uns barulhos
de fato – e não é rato:
é o fantasma que sempre
tropeça nos sapatos.*

*Vende-se
com portas que rangem,
janelas que batem,
objetos que voam
de supetão.*

*Tudo no mais perfeito estado
de assombração.*

O título do poema nos remete às propagandas dos jornais, em que encontramos classificados referentes a “produtos” que estejam a venda como imóveis, automóveis, dentre outros. Portanto, o anúncio precisa de algum modo convencer o comprador/leitor de que vale a pena aquele negócio.

Ao lermos os versos “assombrada/[...]com os fundos para o cemitério/[...] com garantia de sossego/[...] com portas que rangem, janelas que batem, objetos que voam”, entendemos que o diferencial da referida casa é esse, uma casa com fantasmas. São cenas sobrenaturais que acontecem: as portas/janelas que fazem barulhos e objetos que saem do lugar. Para quem gosta de aventura, trata-se de um imóvel perfeito assim como diz o verso: “tudo no mais perfeito estado de assombração”.

Quanto a sua estrutura, observamos que possui quatro estrofes, sendo a primeira e a segunda com seis versos, a terceira com cinco versos e a quarta estrofe com dois versos apenas. Quanto às rimas, encontramos na primeira estrofe rimas intercaladas, apesar do jogo de palavras opostas que o autor utiliza: mistério/cemitério, e temos a rima interna em fato/rato, além de brincar com o acontecimento do fantasma tropeçar nos sapatos. Cabe ressaltar que o poema possui um andamento mais rápido, além de apresentar uma certa musicalidade através das aliterações da consoante “S”. Com sua linguagem simples e direta, nos remete à da propaganda. Por certo, destaca-se aqui o humor, uma vez que quem tem uma casa assombrada, dificilmente iria anunciá-la deste modo. Dessa forma, a ênfase no malassombro é responsável pelo bom-humor que predomina.

A presença da comicidade é uma constante na literatura infantil brasileira, como atesta os comentários de Abramovich (1997). Na poesia infantil, ele comparece sobretudo na produção de poetas como José Paulo Paes e Sérgio Caparelli. Outros, mais contemporâneos têm explorado esse viés, que ainda não foi devidamente estudado.

No poema “Três limeriques assombrados”, o autor parece dialogar com a mesma vertente assombrada do poema anterior.

Três limeriques assombrados

*1. Havia uma velha casa em Bagé
cujos fantasmas dormiam em pé;
por isso, acordavam aborrecidos
e tudo eram correntes e gemidos
na velha casa de Bagé.*

*2. Havia um senhor em Montevideú
que insistia em cobrar aluguel
do monstro que habitava o porão
e que emporcalhava todo o chão
daquele pobre senhor de Montevideú.*

*3. Havia um velório em Zanzibar
em que o morto não tinha como se acomodar
com o caixão torto e estreito;
pediu que um marceneiro desse um jeito
para prosseguir o velório em Zanzibar.*

Composto por três estrofes, cada uma com cinco versos, seguindo, portanto, a estrutura do Limerik, em cada uma, encontramos um acontecimento diferente. No primeiro, percebemos que o autor aborda uma casa com acontecimentos sobrenaturais, o que nos remete a “classificados”. Na segunda estrofe, o inquilino de fato é um monstro de presença física. Na terceira e última estrofe temos um acontecimento bem humorado com um morto solicitando que sejam prestados serviços para o seu funeral.

O poema segue o padrão de rimas em que o primeiro, segundo e quinto versos rimam entre si, conferindo uma musicalidade agradável ao leitor infantil e que lembra o ritmo de nossa popular sextilha.

Temos também no livro um personagem bastante inusitado, o morcego. Esse animal que causa tanto medo nas pessoas e cuja fama é associada aos “sugadores de sangue”, encontramos nos mitos e lendas em que são associados com a morte, terror e/ou coisas malignas. Na obra, encontramos dois poemas em que eles estão inseridos: “Sono do morcego” e “Profissão”, em perspectivas diferentes.

O primeiro é um poema curto com apenas duas estrofes, ambas com três versos cada. Linguagem simples e direta que facilita ao leitor o entendimento do que é abordado. O autor se refere a esse animal de maneira mais tranquila, assim como o seu sono.

Sono do morcego

*Que nó cego
é o sono do morcego
com essa mania de pingente!*

*É de sua laia
sempre dormir nesse estilo
tomara que caia*

A ludicidade do poema nasce do modo como apresenta a posição do animal dormir. Portanto, não trata o viés perigoso do animal, mas de sua posição quando dorme. Daí a comparação inusitada com o pingente e com a expressão “tomara que caia”, recolhida de um modelo de roupa feminino.

Quanto ao poema “Profissão”, encontramos mais uma vez a descrição dos hábitos do morcego, que dorme durante o dia e durante a noite está atento. E, com o tom humorístico, brincando com as palavras, o autor ainda o compara com o guarda noturno.

Profissão

*Dorme de dia, trabalha de noite
e detecta, como um radar,
tudo ao redor com muito apego
enquanto estiver no seu turno.*

- É o guarda-noturno?

- *Não, é o morcego.*

O poema está disposto em duas estrofes, sendo que a primeira estrofe possui quatro versos e a segunda estrofe possui dois versos. Observamos ainda que as rimas não seguem o padrão, como: apego/morcego e turno/noturno. O poema lembra uma adivinha e como sugestão ele poderá ser lido como tal, além disso o mediador não deve apresentar logo o último verso para que os alunos não percam o desinteresse pela leitura. A retomada de seres estranhos, como o morcego, liga-se também a uma vertente da poesia moderna que quebrou a ideia de temas considerados difíceis. Destaque-se que o morcego liga-se a ideia de susto, assombração pelo modo como aparece nos lugares onde as pessoas se encontram.

Considerações Finais

Destacamos do livro o viés da assombração que perpassa vários poemas e que estão anunciados pelo título. Por outro lado, há que se chamar a atenção para o fato de que os poemas o tempo todo brincam com situações tradicionalmente consideradas assombrosas. Para tanto, André Ricardo Aguiar lança mão de recursos diversos, como retomada de frases do cotidiano, trocadilhos, anúncios, rimas e ritmos típicos da tradição oral, sem, no entanto, se fixar totalmente neles.

O autor, portanto, traz para a poesia um universo de situações que predominam na tradição oral, mas por um viés conciso, brincalhão, conforme se observou nos poemas comentados. A fantasia e a imaginação são acionadas para se pensar e brincar com nossa tradição. Conforme afirma Bordini (1986), a poesia assemelha-se a um brinquedo para a criança, pois ela proporciona emoções, divertimento e, a partir do lúdico expresso nas palavras, promove o encantamento diferenciado nas crianças.

Lembra-nos Colomer (2017) que:

Nas últimas décadas do século XX surgiu uma forte corrente de desmistificação que transformou a maioria destes seres, desde bicho-papão ou bruxas até os lobos, em personagens simpáticos ou ternos, enquanto a mudança psicológica dos temas tratados favoreceu o auge dos monstros como um novo tipo de ser fantástico, já que sua plasticidade e pouca solidez os tornam aptos a encarnar as angústias interiores, os pesadelos e terrores indefinidos que conspiram desde

então na literatura infantil. (COLOMER, 2017, p. 36-37)

A autora se refere à literatura infantil em geral e, mais particularmente, à narrativa para crianças. No entanto, no âmbito da poesia infantil, esse viés ainda não foi devidamente explorado. Daí a importância da contribuição do livro *Chá de Sumiço e outros poemas assombrados*, de André Ricardo Aguiar.

A aproximação do leitor com o texto se torna algo divertido a partir do momento em que se utiliza da linguagem simples, quando os textos são curtos, além de uma diversidade de rimas que não seguem um padrão, de acordo com o que é proposto por Goldstein (1997) e, sobretudo, não deixam de lado o caráter humorado que encontramos na maioria dos poemas.

A poesia infantil, como toda a literatura voltada à criança, apresenta uma característica particular, que é a de ter um destinatário específico, que deve ser avaliado em suas próprias condições, de acordo com Aguiar e Ceccantini (2012, p. 11). As crianças precisam de algo mais imaginativo, de certa forma, um apelo visual também. De forma geral, é imprescindível ter qualidade além de trazer ideias novas, o que não deixa de ser um padrão a ser seguido, para que se obtenha êxito, tanto no mercado de vendas como na aprovação de leitura e identificação das crianças.

Sendo assim, percebemos que André produziu uma obra onde o medo é trabalhado numa perspectiva em que o humor é bastante aguçado. De certa forma os poemas brincam com personagens e situações que nos dão medo, mas que podemos enxergá-las de outra maneira, ter uma outra visão/ângulo desses fatos, sem o intuito de trazer nenhum ensinamento, pedagogismo ou moralismo.

Em relação aos personagens, observamos que eles possuem um lado engraçado e, levando em consideração essa visão que a poesia aborda sobre eles, compreendemos que existe uma ampliação dos personagens neste sentido. Observamos ainda que os poemas mostram o lado caricatural dessas figuras inusitadas, trazendo para as crianças novos modos de como encarar seus medos de maneira mais lúdica.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito

de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: ALVES, José Hélder Pinheiro; FREIRE PEREIRA, Emmanuelle Silva.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- AGUIAR, A. R. *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*. Belo Horizonte: Autentica, 2013.
- AGUIAR, V. T.; CECCANTINI, J. L. *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- BORDINI, M. G. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ática, 1986. (Série: Princípios).
- BRANDÃO, M. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. *Estudos de psicanálise*, n. 29, Belo Horizonte, set. 2006.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2002.
- COLOMER, T. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. 1. ed. São Paulo: Global, 2017.
- FERRAZ, E. *Bicho de sete cabeças e outros seres fantásticos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.
- _____. *Poemas da lara*. 1. ed. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008.
- GOLDSTEIN, N. *Versos, sons, ritmos: serie princípios*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- MACHADO, M. C. *Pluft, o fantasminha*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- MEIRELES, C. *Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Giroflé, 1964.
- STRAUSZ, Rosa Amanda. *Sete ossos e uma maldição*. 2. ed. São Paulo: Global, 2013.